UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

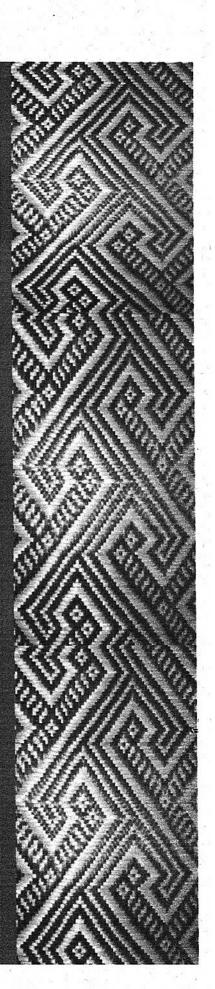
Curso Intercultural Indígena

Acadêmica : Ereu Apalai

Orientadora: Prof^a. Esp. Jussara de Pinho Barreiros

ARTESANATO APARAI

O USO DOS GRAFISMOS NAS CESTARIAS, DOS POVOS DA TERRA INDÍGENA RIO PARU D'ESTE, NO NORTE DO PARÁ.



EREU APALAI

ARTESANATO APARAI: O uso dos grafismos nas cestarias, dos povos da Terra Indígena Rio Paru d'Este, no Norte do Pará.

Apresentação do Artigo Científico, a banca examinadora do Curso Intercultural Indígena da Área de Linguagem e Códigos/ Artes da Turma (2008.3) para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena da Universidade Federal do Amapá, para o 2º semestre de 2012, sob a Orientação da Prof. Esp. Jussara de Pinho Barreiros.

Macapá

ARTESANATO APARAI: O uso dos grafismos de cestaria, dos Povos da Terra Indígena Rio Paru d'Este, no norte do Pará.

Ereu Apalai 1

RESUMO: Este artigo científico apresenta uma pesquisa de campo, com estudo de caso etnográfico, com a utilização do método de abordagem qualitativa, tendo como local de observação à aldeia Parapará, investigados no período de 2010/2012. A coleta de dados realizada informantes, moradores da aldeia e a análise de conteúdo. A importância do artesanato o uso dos grafismos nas culturas indígenas Apalai localizados na Terra Indígena Rio Paru d'Este². Nesta pesquisa, objetivamos discutir e identificar a valorização do conhecimento tradicional transmitidos às gerações presentes e futuras, para que juventude saiba utilizar os diversos tipos de cestaria como: Abano, Apitu, cestos, chocalhos e, também reconhecê-los os grafismos Aparai como Patrimônio Cultural Imaterial3. O significado do grafismo apresenta-se o aspecto mítico religioso da cultura tradicional (Turupere) e nomes diferentes de acordo com as histórias dos mais idosos da aldeia, que conhecem bem a diferenciação desses diversos tipos de grafismos como tamanho, a espessura que seguem diferentes tipos de animais de menor ao maior porte e de todos os tipos tanto como sobrenaturais em forma de lagartos e outros animais carnívoros e ferozes que até hoje existem na floresta. Muitos desses artesanatos são produzidos partir da matéria prima, tala de arumã, madeira, sementes, algodão, plumagem e tabocas. Atualmente, grande parte desses artesanatos é feita para uso doméstico e são comercializados para as cidades de Macapá, Belém no Estado do Pará.

Palavras- Chave: artesanato indígena, grafismos, cestaria, cultura Aparai

¹ Acadêmica do Curso Intercultural Indígena na turma 2007.3 na área de Linguagem e Códigos da UNIFAP.

² Terra Indígena Rio Paru d'Este, complexo do Parque do Tumucumaque, situado ao norte do Estado do Pará(lepé, 2009).

³ Patrimônio Cultura Imaterial- GALLOIS (2006). Povos Indígenas do Oiapoque- Museu do Índio.

INTRODUÇÃO

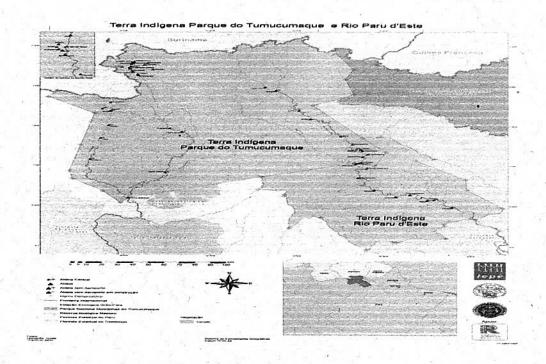
Neste Trabalho de Conclusão de Curso é apresentado um breve histórico da etnia Aparai que a partir do século XVI à década de 70, chegaram à região das Terras Indígenas do Rio Paru d' Este no complexo do Parque do Tumucumaque, no norte do Estado do Pará. Naquela época os Aparai viajavam muito em busca de troca de objetos (escambo) como micanga, panelas, aves, cachorros, principalmente na fronteira de Suriname. Pois, durante as longas viagens a etnia Aparai aprendeu a falar a língua Wayana do Suriname, Tirivó. Por outro lado, também eles costumavam viajar para os municípios de Monte Alegre e Almerim no Estado do Pará, onde tiveram contato com esses grupos étnicos. Hoje em dia, os Aparai não se mudam de um lugar para outro, por motivo de implantação da escola e posto de saúde, por que compreenderam a importância da educação para o aprendizado dos seus filhos e, também por causa de difícil acesso e a distância geográfica. Segundo a pesquisa realizada (FUNAI/Censo, 2006) em relação ao povo Aparai e Wayana a população era aproximadamente 206, registrada. Atualmente os povos Aparai e Wayana em (FUNAI/DSEI/2011) são 398 indígenas que habitam somente na região Rio Paru d'Este, pois esse dois grupos têm estreita convivência há muito tempo, por sua organização social onde houveram alianças de intercasamentos entre eles. Portanto, existem alguns Aparai que moram em outras aldeias na TI Parque do Tumucumaque, próximo da fronteira de Suriname, em que são falantes da família linguística Karíb. Conforme ISA (2011) "A s Terras Indígenas do Rio Paru d' Este, foram homologadas e demarcadas por Decreto Federal em 03/11/1997, possui uma extensão de (1.195.790 hectares), abrangendo os municípios de Alenquer, Almerim e Monte Dourado, no Estado do Pará".

A relevância desta pesquisa de campo aborda com referência o Patrimônio Cultural Imaterial utilizado na cestaria caracterizando como padrão decorativo os grafismos, que constituem um trabalho doméstico e artesanal que envolve as práticas do conhecimento tradicional passado de geração a geração pelos seus ancestrais. Este trabalho está dividido em três partes que são: o primeiro capítulo, a trajetória Histórica de ocupação e chegada dos povos indígenas Aparai Paru d' Este na região, demonstrando todo um processo de contato e ocupação geográfica, suas relações e migrações dos Aparai e Wayana; segundo capítulo, contempla o artesanato Aparai e a utilização dos grafismos nas cestarias, demonstrando as práticas do conhecimento tradicional, a simbologia e a mitologia nos tipos, significados e a representação nos traçados como expressão do artesanato e a importância na cultura material dos povos Aparai; e finalizando o terceiro capítulo será o desenvolvimento da metodologia, da coleta de dados e análise dos resultados da pesquisa.

Espera-se que os resultados desta pesquisa e a utilização dos grafismos nas cestarias possam contribuir para a identidade Aparai como valorização do saber tradicional e a preservação do patrimônio cultural imaterial desses povos da TI Rio Paru d' Este promovendo e desenvolvimento local e regional numa dinâmica de contato e diversidade cultura.

1. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE OCUPAÇÃO E CHEGADA DOS POVOS APARAI DO RIO PARU d'ESTE

Historicamente, os povos Aparai se localizam na região rio Paru d'Este no município de Almerim no norte do Estado do Pará divisa com o Estado do Amapá, onde possui o rio Citaré no oeste do rio Paru, que foi ocupado durante anos e, hoje não existe mais a população indígena, mais os povos fazem a fiscalização periódica naquela região, que está situada em área de mata fechada, montanhosa. Os rios ricos em peixes e caças ao longo desse rio possui aproximadamente 20 aldeias, sendo uma maior de todas é a aldeia Bona (Aparai). A aldeia Parapará está localizada no rio Paru d'Este, na margem direita do rio Paru, em região de floresta fechada. A chegada para está localidade é apenas de aeronave e pela canoa a motor de popa. Não há cidade próxima desta região. Ressaltando, que o acesso ao Parque do Tumucumaque se dá apenas de avião, não outras maneiras de entrada a está região do Parque do Tumucumaque os Wayana também estão espalhados em mais duas regiões com as quais faz fronteira, com a Guiana Francesa e Suriname.



Conforme ISA (2011) por meio, do "Decreto Federal de 03 de novembro de 1997, essa área localizada na Terra Indígena Rio Paru d'Este, demarcada e homologada, com uma superfície de 1.195.790 hectares situadas nos municípios de Alenquer, Monte Alegre e Almerim, no Estado do Pará". Historicamente, segundo alguns viajantes (Frikel,1958); (Lapointe, 1971); (Schoepf, 1972) os Aparai Wayana estão espailhados em mais duas regiões com os quais o Brasil faz fronteira, a Guiana Francesa e Suriname, essas duas etnias, falantes da língua Karib, são originários das bacias Curuá, Jari e Paru afluentes do rio Amazonas. Devido a um processo de contato intenso com outras etnias e povos indígenas da região, eles romperam as fronteiras geopolíticas indo configurar seu próprio espaço territorial, marcado hoje pelos rios Tapahoni e Paru d'Este, no Brasil.

Atualmente, a população segundo FUNAI (Censo/Macapá, 2011) somam aproximadamente 702 índios distribuídos a cerca de 20 aldeias às margens das TIs rio Paru d'Este e na TI Parque do Tumucumaque (1.700 hab.) ao norte do Pará, fronteira com o Estado do Amapá que graças ao processo de compreensão territorial e de fusão social, responsável pela formação de aldeias mistas, estes grupos passaram a ser conhecidos como Aparai e Wayana. Todavia, o que temos é a reprodução de aldeias distintas Aparai e Wayana, assim como os traços culturais reivindicados por cada um deles, por exemplo: os artefatos com maior abundância de motivos seriam características do Wayana; o emprego de pintura nas cerâmicas rituais seria característica da parafernália Aparai; entre os padrões sociais; a cremação seria um rito funerário preferencialmente Wayana, ao passo que o enterro um costume Aparai haveria prática de ritual, que são distintas no dia-a-dia, os dois grupos étnicos mantém suas especificidades e diferenças sociais e culturais.

Tradicionalmente os povos Aparai e Wayana produtores de artesanatos como: cestarias, abanos de tala de arumã, tipiti, jamanxi e, também da produção de vários tipos de instrumentos musicais como: chocalho, kurumu rueny(flauta do urubu), kapau zehpyry (flauta de osso de veado). As mulheres fazem e sabem tecer algodão, redes, tipoia, bracelete (apopata), pulseira de antebraço (omehxi). Esses produtos são usados para festas tradicionais dos Aparai e Wayana. Assim, denominamos que são feitos de várias técnicas de acordo com sua utilização, durabilidade e para que sirva, citamos algumas matéria

prima utilizada na fabricação como: talas de arumã, cipó titica, madeira, sementes, algodão, argila, palhas de bacaba, buriti, ossos, plumagem entre outros. Existem vários tamanhos diferentes, assim como: desenhos, pinturas, cores que simbolizam os animais de acordo como eles são e quem são esses.

Os Aparai e Wayana, são produtores natos de artesanatos há alguns séculos, confeccionam artesanatos de diversos tipos e tamanhos, como também usam utilizados diferentes tipos de desenhos de animais selvagens que foram extraídas na mitologia antiga de um animal enorme (Turupere) encontrado por ancestrais Aparai - Wayana, onde cada um do animal selvagem foi criado nos desenhos que até presente momento são representados durante a trajetória dos antigos guerreiros. Segundo, Gabriel Coutinho Barbosa em seus estudos entre os anos de 1968 e 1992, os povos Aparai e Wayana conviveram no rio Paru de Leste com missionários protestantes norte-americanos do então chamado Summer Institute of Linguistics - SIL, hoje também chamada Sociedade Internacional de Linguistica, junto com suas atividades proselitistas e com propósitos educacionais, estes missionários iniciaram um trabalho de 'recuperação' e incentivo à comercialização de artigos da cultura material Aparai e Wayana, visando garantir a autossuficiência econômica destes índios e familiarizá-los com a economia monetária e mercantil. Conforme, RAUSCHERT (1981), "no final da década de 60, estabeleceu-se uma 'cantina' para troca de artesanato Aparai e Wayana por bens manufaturados, sob direção de um índio Aparai (...). Zé Pereira seu nome indígena (Itukahpo Aparai) ele foi um líder Aparai e comerciante". Segundo o autor, com a morte de Zé Pereira, uma nova cantina de troca foi criada em 1975, também com apoio dos missionários e responsabilidade de outro índio Jaké Aparai que foi o principal intermediário na comercialização de artesanato e bens industrializados entre as cidades de Macapá e Belém e as aldeias indígenas. Entretanto, é importante a valorização da identidade cultural como: costumes, tradições, crenças, mitos e a biodiversidade dos povos indígenas Wayana e Aparai.

1.1 A tribo Aparai nas TI rio Paru d'Este

A história contada pelos antigos idosos, que os povos **Aparai originais** da tradição oral viveram por muito tempo no baixo rio Paru, são minorias eles eram moradores do rio Maikuru onde eles viviam pouco tempo, pois na tradição as populações indígenas eram nômades pois é costume de qualquer etnia

mudar-se de um lugar para outro onde a terra é boa e tenha atividade de subsistência com: a caça, a pesca, a coleta e plantio. No entanto, costumavam viajar muito para outras aldeias como as do Suriname até ao município de Alenquer ao longo dos rios e nas florestas, sendo assim, houve casamentos entre as etnias Wayana e não índios. Porém, os dois grupos de formaram através de intercasamentos entre eles. Segundo FUNAI/DSEI (2011) atualmente a população Aparai é formada de 398 índios. Considerando o relato do pesquisador RAUSCHERT (1981, p.233-253):

"Os Aparai originais da tradição oral que viveram por baixo Paru.

Diversos informantes dizem que a "antiga terra dos Apalai, isto é seu território original, também compreendia o baixo Jarí e, mais para o Oeste, os cursos inferiores dos rios Maicuru e Curuá do Alenquer. Perdeu-se o antigo nome da tribo, sabendo-se, entretanto, que os antepassados não se auto- designava Aparai tinham o nome tribal de "Pirixiyana", pois do contrário do que fazem hoje, falavam tão depressa como pirixi (periquito verde)".

De acordo, com a tradição oral a tribo Aparai já conhecia a agricultura no passado mítico, mas as informações sobre a subsistência ante desta época são admiravelmente minuciosas. Podemos perceber que estes conhecimentos não foram adotados exclusivamente dos contingentes primitivos, mas apreendidos dos grupos coletores incorporados em épocas mais recentes e projetados na própria pré-história tribal. O grupo original dos Aparai possuía aldeias que, possuía instrumento de pedra neolítico e trabalhos em madeira. A época de apogeu desse grupo original poderia ser datada em, no máximo, 300 anos atrás. Não há notícias de contatos entre este grupo e os colonizadores europeus. Um ou outro informante adquiriu conhecimentos a respeito do civilizado nos últimos 22 anos, em parte por ocasião de viagens de estudo empreendidos com os autores às cidades, com o apoio das autoridades militares brasileiras.

1.2 As relações de contato do grupo Aparai com outras culturas

Nas relações de primeiro contato com os Povos Aparai com os não índios, foi por meio, de antigos barateiros (extração de seringas) e gateiros (exploração de onças e gatos do mato) que se aproximaram tendo contato trabalhando com eles, para trocar de materiais como: utensílios e outros, para o sustento das comunidades indígenas durante o período que os viajantes permaneceram naquela região com os trabalhadores de extração de seringueira e exploração de animais muito extraídos naquela época pelos viajantes que invadiram à região da TI ao longo do Rio Paru d'Este, com a ajuda de índios Aparai e grupos de não índios.

Considerando RAUSCHERT (1981, p.233-253) "a situação do território original dos Aparai nas proximidades do Amazonas ou, como afirmam diversos textos, nas margens do próprio rio (...) tenham existido contatos com os contingentes populacionais de outras culturas dessa área nas cidades Santarém, Oriximiná". O autor afirma ainda, que conhecimento que os Aparai têm de uma série de mitos da área amazônica (as amazonas, indicações sobre amuletos de pedra, o mito da origem dos delfins, o mito da canoa- jacaré) parece constituir outro indício de tais contatos e que seus ancestrais haviam mantido contato com os produtores da bela cerâmica dos sítios junto ao Amazonas. Nas análises das entrevistas feitas na aldeia parapará todos os informantes na minha pesquisa, disseram que os Aparai de antigamente confeccionavam cerâmica, que mais tarde, no decorrer do tempo, ela perdeu seus padrões decorativos, apresentando motivos de incisos bem simples e, finalmente, tornou-se uma cerâmica lisa sem ornamentação. Estas últimas informações surgiram por ocasião de alguns achados arqueológicos, na antiga área de ocupação junto ao rio Amazonas. Informações dadas por informantes mais antigos da aldeia.

1.3 A migração dos Aparai originais rumo ao norte amazônico

O território Amazônico tornou-se uma extensão de grandes praias arenosas, as narrativas dos antigos, em geral não mencionam a localização (ao norte do rio) os Aparai que migraram para o norte, ao longo dos cursos d'água, principalmente do rio Paru. Os motivos para a migração não são mencionados. Os relatos de alguns informantes disse que procuravam no norte águas melhores e mais frescas, o que provavelmente é uma invenção. Pelas fontes históricas as informações afirmam que a presença dos colonizadores principalmente os portugueses seria o mais provável motivo. Observamos que ainda hoje a dificuldade de acesso às aldeias do complexo do Parque do Tumucumaque é diversa. No entanto na tradição oral os povos indígenas dão Rio Paru d'Este os antigos não afirmam de a comunicação entre eles seria usando canoas pelos rios ou migrava por terra como os de tempo passado.

2. O ARTESANATO INDÍGENA APARAI E A UTILIZAÇÃO DOS GRAFISMOS NAS CESTARIA

Os grafismos representam o simbolismo de cobra grande na mitologia da cultura indígena Aparai que é identificado por meio, dos próprios conhecimentos e os nomes de todos os grafismos na sua própria língua, conforme as pinturas nas cestaria, pessoas e objetos. Os grafismos a serem observados podem ser variados, mas não são diferentes na técnica pra produzi-lo que pode ser individual ou coletivo dependendo da criatividade de cada pessoa, alguns se unem com os filhos para ensiná-los e transmitir os saberes tradicionais sobre o uso do grafismo, principalmente nas cestaria e

saber representá-los na cultura indígena Aparai. Segundo a antropóloga GALLOIS (2006, p.10) afirma que a definição de Patrimônio Imaterial é:

"as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são associados- que as co munidades, os grupos e, em alguns casos, indivíduos que reconhecem como fazendo parte integrante de seu patri mônio cultural".

Considerando as práticas do conhecimento tradicional, cada grafismo representa a simbologia de uma cultura indígena Aparai, por meio, do surgimento da mitologia e, relatam de acordo com suas experiências e técnicas, para relembrar a memória dos seus ancestrais, também todos os grafismos utilizados nas cestarias em outros objetos são feitos por meio, da memória dos mais idosos. Atualmente, os Aparai não esquecem de suas antigas histórias que não foram escritas e nem registradas. Por outro lado, os jovens tinham dificuldades de captar informações junto aos antigos e também os próprios pais, pois assim, dificultaram a catalogação dos grafismos de artesanatos Aparai, mas uma boa parte desses artesanatos será até o presente momento, utilizados e bem aproveitados, maioria dos jovens ainda confeccionam utilizando vários grafismos e outros aprendem com amigos, parentes e pais.

2.1- Tipos de grafismos e significados

Nos Artesanatos indígenas Aparai, são vários tipos de grafismos diferentes que representam animais silvestres como seres sobrenaturais, por serem observados, compreendidos e identificados, os desenhos são utilizados dos tempos antigos para ao tempo presente, com sua característica. Os tipos de grafismos são usados nas cestaria como: abano, sacola, esteira, apitu, Poti, cestos, colares, e nas bordunas, cada utilização dos grafismos de cestaria são feitas com habilidade por cada pessoa, sempre padronizado e numerado, todos os tipos de desenhos tem nomes e significados como: Segundo os autores VELTHEM (2010) "os grafismos dos cestos de tala de aruma (principal matéria prima) os desenhos (...) onça (kaikuxi), lagarta (piritumare), raiz de arumã (aruma mity), pássaro (tõserere), andorinha (kumarako), serpente de duas cabeças (mekuomy), focinho de Caititu (pakira otuhtopõpyry), flor da Sororoca (anaxinekuru), e outros". Estas imagens abaixo mostram os grafismos nos artesanatos traçados feitos de tala de arumã onde os desenhos pertencem à cobra grande (Turupere) narrativa históricas que representa a mitologia Aparai Wayana que embeleza os objetos como: abanos, cestos, esteiras, colares, madeiras, bancos e objetos domésticos e artesanais. A cosmologia indígena Aparai retratada pela cobra grande, por ser muito perigosa e sua pele tão bela, muito expressiva para a cultura Aparai. A cestaria é utilizada pela maioria das mulheres que confeccionam os objetos para

colocar algodão, sementes, miçangas, buscando a técnica de novos estilos prática tradicional passada de geração a geração a elas, que produzem algumas cestarias que são frágeis que não podem ser usados para os objetos pesados. Os homens são apenas produtores de cestaria entre outros para as suas mulheres e as mães, onde também podem comercializar que é uma forma de fonte de renda para cada família. Porém, esses povos mantém a valorização do patrimônio cultural manter sempre viva o uso de grafismos nos artesanatos. De acordo, com os antigos esses desenhos foram feitos pelos próprios moradores da aldeia, onde há cacique Aparai e os produtores artesões. Hoje em dia, o povo Aparai ainda continuam confeccionado os artesanatos e diversos tipos de traçados mostrando os grafismos como as imagens abaixo:

2.1.1 Abano Grafismo de Kaikuxi (onça) sobrenatural bicéfalo

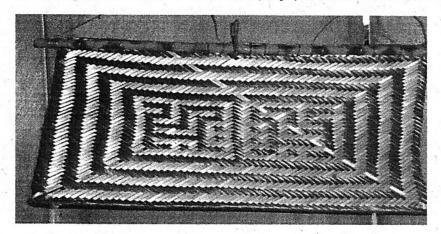


Foto: Ereu Apalai- aldeia Parapará, set. 2011.

A confecção deste abano é feito na maioria pelos homens utilizando matéria de tala de aruma que geralmente são usados pelas mulheres indígenas Aparai durante a produção de mandioca e para abanar fogo, sendo muito utilizado no dia-a-dia.

2.1.2 Sacola Pequena - Grafismo Piritumare-(Lagarta)

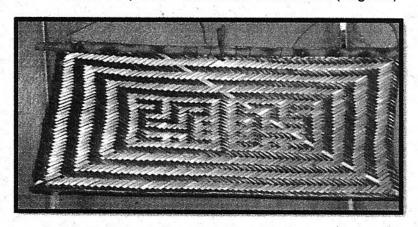


Foto: Ereu Apalai- aldeia Parapará, set. 2011.

Está pequena sacola(sakola) é feito de tala de arumã, com grafismos de **piritumare** de acordo,com a mitologia Aparai, que tem como utilidade carregar frutas, sementes,moqueados, e guardar algodão, mandioca, espécies de caça, pesca, confeccionados pelos homens e mulheres.

2.1.3 Ponty- Grafismo Arumã mity- (raiz de arumã)

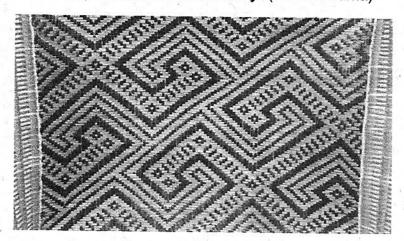


Foto: Ereu Apalai- aldeia Parapará, set.2011.

O ponty é feito de tala de arumã confeccionado pelos homens, para uso doméstico das mulheres e serve para comercializar. Este grafismo é feito da raiz de arumã é usado no traçado com muita habilidade técnica e acabamento, são dois tipos de Ponty simples e o original e são feitos com fio de algodão, durante a confecção precisa ter muito cuidado, pois são frágeis e para que não haja erros nos desenhos. Antigamente está cestaria era importante na cultura dos Aparai guardar algodão usado pelas mulheres idosas.

2.1.4 Ponty - Grafismo Tõserere - (pássaro)

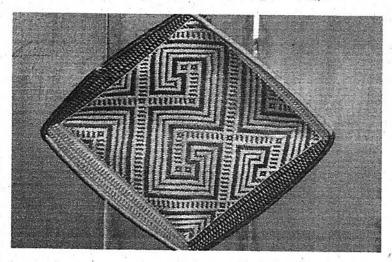
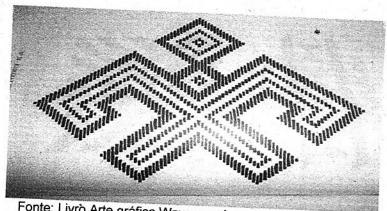


Foto: Ereu Apalai- aldeia Parapará, set.2011.

Este ponty feito de tala de arumã com uso de grafismo de tōserere (pássaro) e, também confeccionado pelos homens com muita técnica em apenas com suas imaginações, de acordo com seus conhecimentos técnicos.

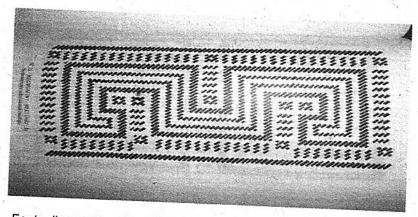
2.1.5 Desenho de cestaria - Grafismo Kumarako- (andorinha)



Fonte: Livrò Arte gráfica Wayana e Aparai (2010,p.144)

O grafismo Kumarako é utilizado nas cestaria, com traçados de tala de arumã, que também é feito pelos homens, são vários de tipos de grafismos usados na cestaria e também com padrão decorativo diferente. Todos os grafismos simbolizam a mitologia.

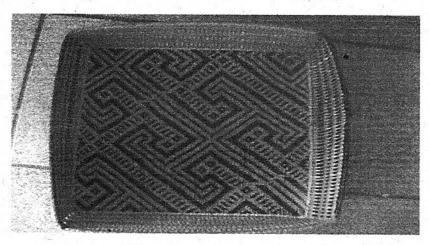
2.1.6 Grafismo Mekuomy- (serpente de duas cabeças)



Fonte: livro Arte gráfica Wayana e Aparai (2010, p.153).

O grafismo Mekuomy (serpente de duas cabeças) é utilizado principalmente nas cestaria como: ponty, apitu, abano, jamanxi,cesto. É feito também pela maioria dos homens através de seus saberes tradicionais onde ensinam seus filhos a traçar e utilizar uso dos grafismos na confecção de qualquer cestaria.

2.1.7 Ponty- Grafismo Pakira ekuhtopõpyry- (focinho de caititu)



Fonte: APITU

O Ponty representa o grafismo de focinho de caititu, nos traçados de tala de arumã de acordo, com mitologia dos ancestrais mais antigos. Até hoje, os indígenas não esquecem mais sobre o uso de grafismo nas cestaria e guardam na memória parta serem preservados e valorizados.

2.1.8 Apitu (esteira) Grafismo Anaxinekuru-(flor da sororoca)

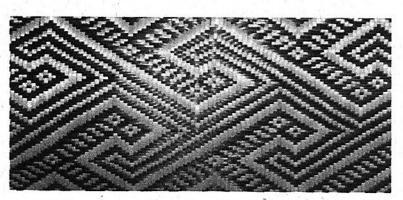


Foto: Ereu Apalai-aldeia Parapará, set. 2011.

O Apitu (esteira) o uso do grafismo de flor da sororoca nos traçados de tala de arumã, são utilizados para fazer esteira tipo tapete, sendo usadas para colocar as plumagens, miçangas durante a festa do Turé pelos homens. Atualmente são confeccionados para a comercialização.

Neste contexto, os mais velhos descrevem de acordo, com a mitologia tradicional que o grafismo surgiu da pele do "Turupere" animal sobrenatural, que atacava os índios Aparai e Wayana. A partir daí houve os relacionamento

entre os dois grupos, que naquela época as duas etnias não eram amigos, como os idosos relatam nas suas histórias, somente com a etnia Tiriyó eles se entendiam e tiveram contato de aproximação onde formaram dois grupos de (jepe), que quer dizer "amigo" na língua Aparai.

2.2 A representação e a utilização dos grafismos de cestaria

A representação de grafismos nos artesanatos é bastante grande, dependendo do tipo de objeto eles são produzidos pelos profissionais artesões fazendo a diferenciação entre cada um deles conforme a técnica aplicada e a criatividade do padrão decorativo. São vários os tipos dos grafismos e sua forma como são confeccionados como arte em que elas aparecem, de acordo com mitologia que há muito tempo os indígenas Aparai acreditam o surgimento da história onde eles mataram "Turupere"- lagarto, na boca do igarapé Asiki ,foi de lá que os antigos indígenas extraíram os desenhos onde é utilizado pela etnia Aparai, herança cultural deixada pelos seus ancestrais. Para explicar a obtenção dos grafismos, a narrativa histórica afirma que o "Turupere" animal em forma de lagarto, habitava em uma serra junto ao igarapé Asiki, um afluente do Rio Paru d'Este. Segundo VELTHEM (2010, p.25), "a narrativa Wayana, o sobrenatural vivia com seres que trabalhavam, uns caçando como uma onça,denominada(aryrymano) outros transportando a caça, centopeia(kunepepe)". O autor comenta que a utilização dos grafismos nas cestaria e muito valorizado pelo povo Aparai que representam visualmente os desenhos que são identificados na própria língua materna, onde cada nome representa tipo de animal sobrenatural e, também conforme as pinturas nas cestaria, nas pessoas e nos objetos, ao observarem os grafismos eles podem ser variados, mas são diferentes na aplicação da técnica para confeccioná-los.

Ao longo da história contada pelos antigos descendentes do Aparai sobre o surgimento dos grafismos que veem da mitologia cultural que, até hoje, não será esquecida pela etnia Aparai. Porém, a narrativa da tradição falada pelos idosos antigos foi repassada a história de geração à geração do ser mitológico, que navegava pela margem do rio Asiki onde encontra-se a montanhosa até hoje. Conforme a cosmologia do grafismo de cestaria, temos a narração, segundo VELTHEM (2010, p.27):

"a presença da lagarta sobrenatural dividia o território indígena
Impedindo que os Wayana e os Aparai estabelecessem' os
Casamentos que pretendiam acontecia que, ao se aproximar
Uma canoa desse lugar, uma arara (kynoro Ararawa) gritava.
E avisava o Turupere. Este então descia a aldeia, atacava e
Virava a canoa, devorando seus ocupantes. Como os viajan
Tes não regressavam, os Wayana pensavam que seus paren
Tes eram mortos pelos Aparai. Finalmente descobriram o que
estava acontecendo e resolveram matar Turupere".

Conforme afirma a autora, durante a luta os Wayana viram rapidamente o corpo da lagarta que estava todo pintado com os desenhos em preto e vermelho, uma das características dos seres sobrenaturais. Os Aparai que vinham do baixo Rio Paru d'Estes também dispostos a matar o "Turupere", e o encontraram morto, perto da boca do igarapé Asiki.

2.3 O artesanato como importância na cultura material dos povos indígenas Aparai na aldeia Parapará.

Ao longo dos anos, a etnia Aparai valorizavam seus artesanatos dentro da sua cultura e tradição milenar, que a maior importância para eles seria preservar os artefatos onde costumam utilizar, guardar e comercializar nas cidades em grande capitais do país e, até mesmo no exterior, os referidos artesanatos são confeccionados manualmente em toda sua estrutura inicial até acabamento final, por isso, não existe sua padronização adequado dos tipos e tamanhos. Segundo VIDAL (1992, p.14), "o contato interétnico, ou mesmo aquele realizado com a sociedade envolvente, pode resultar (...) da arte tradicional dos diferentes grupos, necessitados (...) da afirmação de sua identidade cultural". A autora aponta, ainda que as sociedades indígenas mantém sua especificidade, autonomia e por meio, de suas manifestações artísticas e culturais reconhecendo o seu valor estético.

Atualmente para o povo Aparai o artesanato é muito importante a confecção das cestaria e objetos que demonstram toda uma técnica e habilidade adequada e trabalhada em certas situações como eventos importantes, presentes para família, amigos e armazenar frutas. Além da comercialização, se faz necessário conservar o saber tradicional da técnica passada para jovens e a importância de confeccionar artesanatos. Existem inúmeras formas de utilização de acordo, com os vários tipos de atividades e produtos que podem ser usados por longo tempo. A valorização do conhecimento tradicional em geral aborda: a língua, os costumes, as tradições, as crenças, os rituais, os mitos, reconhecendo assim o valor da cultura imaterial e material que deve ser preservada e transmitida de geração à geração, legado deixado pelos ancestrais indígenas Aparai.

3. METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA

Nesta pesquisa de campo, no tipo de estudo de casos etnográfico, adotamos o método de abordagem qualitativa que analisa a descrição dos grafismos e seus significados nos traçados dos objetos, o enfoque Crítico-Dialético, buscando uma análise histórica da tradição na prática na confecção do artesanato em especial, representado na cestaria dos povos indígenas Aparai nas Terras Indígenas Rio Paru d'Este, no norte do Estado do Pará. O local de observação

foi à aldeia Parapará. A especificação da amostra foram os moradores da aldeia, artesões, lideranças, tendo como coleta de dados, as entrevistas como dado principal.

Os resultados das entrevistas como os moradores da aldeia, abrangeram cinco (05) famílias Apalai sendo: Maerapo Apalai (08 membros); Paulo Ronaldo Apalai (09 membros); Jaruanare Apalai (08 membros); Jakeh Apalai (08 membros); Arinaware Apalai Wayana (09 membros); artesões (07 membros); lideranças indígenas (03 líderes) somando um total de aproximadamente 52 habitantes moradores da aldeia Parapará e alguns dados secundários sistematizados de documentos e entrevistas desenvolvidas em (19/08/2011) obtidos pelos informantes do Rio Paru d' Este, no complexo do Tumucumaque.

Atores envolvidos nas entrevistas, em 19/08/2011, conforme depoimentos:

- Liderança: Amarikua Apalai (46 anos), sobre o surgimento dos grafismos do ponto de vista étnico da cultura Aparai; " antigamente desde o surgimento da história, os antigos aprenderam a confeccionar os artesanatos, de acordo com mitologia do "Turupere", somente através da memória, sem ver nenhum tipo de desenho, assim conseguiam suas cestaria. Atualmente, os pais ensinam seus filhos a aprenderem a fazer os artesanatos". (aldeia Parapará)
- Artesão: Maerapo Apalai (44 anos) depoimento sobre a criação dos grafismos: "o uso dos grafismos no artesanato serve para identificar os animais". (aldeia Parapará)
- **Professor**: Paulo Ronaldo Apalai (42 anos) depoimento, a importância e a valorização do artesanato na educação das crianças; " como professor, achamos muito importante ensinar aos alunos passando o conhecimento da cultura e da arte sobre o artesanato (...) para que eles ensinar os futuros filhos". (aldeia Parapará)
- -Estudante: Jaruanare Apalai (28 anos) depoimento o que significa à representação as cestaria para os jovens; "para mim a representação de cestaria significa que eu posso me identificar como indígena, para que não esqueça minha cultura e a história mitológica". (aldeia Parapará)
- Artesã: Arinaware Apalai (33 anos) depoimento como aprendeu a fazer os vários tipos de artesanatos; "eu aprendi a confeccionar os vários tipos de artesanatos pelo meu pai que me ensinou". (aldeia Parapará)
- Cacique: Jakeh Apalai (64 anos) depoimento da história da cultura Aparai, para os mais velhos; "antigamente nossa aprendizagem era observando os mais velhos trançando cestarias, a gente tinha interesse em aprender, pois os antigos contavam a história da mitologia "Turupere" o sobrenatural, que representa os grafismos". (aldeia Parapará)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da escolha do tema sobre o artesanato indígena Apare vem da compreensão sobre conservação do patrimônio material e imaterial para a cultura de cada etnia Aparai e Wayana que é, muito importante saber da própria história cultural, cosmológica e mítico religiosa, valorizando e mantendo sempre viva a memória de cada etnia, por meio, do resgate na confecção dos artefatos, cestaria, pintura corporal e plumária e em especial, os grafismos que por ocorrência das mudanças ao longo dos anos e do tempo, os indígenas deixaram de expressar suas habilidades técnicas e artísticas própria de sua cultura, principalmente da geração presentes que são os jovens, que no momento não se preocupam em trabalhar o artesanato na comunidade Aparai da aldeia Parapará.

As cestarias e os grafismos representados, por meio, dos traçados de tala de arumã, hoje em dia, está sendo muito produzido pelos artesões e profissionais em escala para venda nas capitais, dando uma dinâmica na economia das famílias Aparai. A investigação desta pesquisa de campo acrescentou uma experiência científica para a minha vida profissional como professora e pesquisadora na aldeia, onde aprendi valorizar o uso dos grafismos onde também acompanhei a produção das cestarias feito pelos artesões com uma habilidade técnica na construção dos objetos e no acabamento, por isso, acreditamos que seja necessário a informação sobre a cultura para a educação escolar indígena e para a tradição Aparai onde possam compreender, identificar o reconhecimento dos artesanatos e objetos para o acervo do patrimônio cultural material e imaterial do povo Aparai representando sua identidade étnica para os povos indígenas nas TI Rio Paru d'Este, que por meio,dos grafismos demonstram toda uma narrativa histórica de contato da mitologia na cultura Aparai e Wayana.

Em suma, as questões relativas às manifestações da linguagem gráfica da arte tradicional Aparem em destaque, neste artigo, os grafismos utilizados na cestaria que são expressões de uma linguagem gráfica visualizada pelos desenhos produzidos pelos artesões, que são verdadeiros símbolos estéticos, onde foram confeccionados de acordo com a imaginação mitológica Aparai, que tem com contraste a influência da globalização na dinâmica das sociedades que sofreram mudanças temporais e espaciais na sua estrutura social. Propomos nesta pesquisa, contribuir para uma melhor integração do patrimônio cultural no desenvolvimento na produção do artesanato em especial, a cestaria com a simbologia dos grafismos para os povos do Rio Paru d' Este.

REFERÊNCIAS

Cunha, Manuela Carneiro (org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das letras: Secretaria Municipal da Cultura: FAPESP, 1992.

DAMATTA, Roberto. Relativizando uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

GALLOIS, Dominique Tilkin (org.). Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos do Amapá e norte do Pará. São Paulo: lepé, 2006.

HAUSCHERT, M. A História dos Índios Aparai e Wayana segundo suas próprias tradições. São Paulo: USP, 1981. (233-253). Contribuições à Antropologia em homenagem ao prof. Edgar Schaden (col. Museu Paulista). Série Ensaios vol.4.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. 1ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LCT, 2011.

RICARDO, Beto e RICARDO, Fanny. Povos Indígenas no Brasil: 2006-2010. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

VELTHEM, Lucia Hussak Van: LINKE, Iori Leonel Van Velthem (org.). Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai: Waiana onon imelikut pampila-Aparai zonony imenuru papeh (org.). Rio de Janeiro: Museu do Índio, FUNAI, IEPÉ, 2010.

Vidal, Lux (org.). *Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética.* São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1992.

TEIXEIRA, Elizabeth. As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.